DÉCIMA SEGUNDA QUESTÃO GNÓSTICA

Caro Ibny Joshai. Essa forma de ecletismo adotada pelos jessênios já foi denominada, na Europa, de pot-pourri esotérico. O que o senhor diz a esse respeito? Quais as atitudes que vocês tomarão para que um tão importante movimento esotérico, de expressão tão legítima, seja vulgarizado dessa forma?

Carlos Amir Garlani – Portugal

Caro amigo Carlos. Temos recebido muitas de suas questões por e-mail e sabemos que o seu nível de pesquisa é amplo, cuidadoso e substancial. Escolhemos essa, entretanto, para levarmos a essa parte do nosso site porque temos nela um sinal, uma marca característica da antiga inimizade gnóstica.

Com efeito, desde muito cedo uma acusação tornou-se a preferida contra os grupos gnósticos: a de que eles mesclam de forma desordenada, confusa e pouco filosófica diversas tradições orientais com o platonismo, com o pitagorismo e com o cristianismo.

Um desses acusadores foi Irineu de Lion, anti-gnóstico ferrenho da cidade francesa de Lion que, no século II d.C., catalogou os ensinamentos dos diversos grupos de cristãos gnósticos então conhecidos de sua época, combatendo-os mui duramente com base em argumentos que ele definia como bíblicos.

Durante muitos séculos o gnosticismo foi conhecido principalmente por sua ótica, visto que os documentos e escrituras gnósticas eram freqüentemente destruídos, tendo desaparecido na sua maioria.

Irineu começou a perder a sua importância como fonte de informação acerca dos gnósticos a partir de 1856, quando apareceu o documento gnóstico do Evangelho da Pistis Sophia. Depois do aparecimento desse evangelho gnóstico, o segundo grande golpe na autoridade de Irineu ocorreu com as descobertas de Nag Hammadi, biblioteca arqueológica egípcia genuinamente gnóstica e rica em informações sobre o cristianismo esotérico primitivo.

Também as Descobertas do Mar Morto, ou das Ruínas de Qumran, serviram para mostrar que a idéia da Salvação pelo Conhecimento (base principal do ensino do cristianismo gnóstico) era também ensinada pelos antigos essênios, isto já no século II a.C.

Atualmente Irineu é apenas uma referência para os estudiosos, quando estes querem conhecer a opinião que a ortodoxia cristã antiga nutria a respeito do cristianismo gnóstico.

Nesse sentido, quando queremos observar o conjunto de atitudes de um ferrenho anti-gnóstico, Irineu de Lion é um exemplo documental (e, portanto, incontestável) de referências.

Ele comparava os diversos movimentos gnósticos derivados do ensino do mestre alexandrino Valentin a uma medusa cuja cabeça continha mais serpentes do que aquela que

Comunidade Jessênia© - Todos os direitos reservados.

atacou Jasão, o herói da lenda grega que procurou e encontrou um tesouro mítico denominado Velocino de Ouro.

No mundo dogmático-religioso cristão há uma atitude cujas raízes podem remontar a Irineu de Lion, ortodoxo que escreveu a obra chamada *Contra as Heresias*. Essa atitude é a da caça às chamadas Heresias, condensada como um método apologético denominado Heresiologia.

Sabemos que desde o século II d.C., a partir do ensino de Valentin, o cristianismo dogmático-religioso começou uma luta para se livrar dos mestre gnósticos que pululavam no meio da grandiosa e mui diversificada comunidade cristã mundial da época.

Ao longo dessa luta é que as atitudes de condenação de certas doutrinas não aprovadas por um corpo de autoridades cristãs cada vez mais poderoso e influente, que nascia na cidade de Roma, tornaram-se cristalizadas e formaram o que hoje conhecemos como Heresiologia ou "estudo das falsas doutrinas cristãs ou religiosas em geral, de seu comportamento, de seus argumentos, de seu modo de crescimento e de como combatê-las com dureza e constância" (Esta definição foi, inclusive, tirada de um moderno manual de heresiologia).

Em 325 d.C. aconteceu o chamado Concílio de Nicéia, que representou o primeiro grandioso ato de organização de uma Igreja dogmática que condenava os heréticos não só à expulsão, mas também à perseguição, tortura, castigos sociais e morte.

O corpo poderoso de autoridades dogmáticas uniu-se ao estado romano decadente a partir de 313 d.C. e tornou-se senhor cuja autoridade cristã era, a partir de então, reconhecida pelo poder militar e governamental. E esse foi o golpe final sobre os cristãos gnósticos, definitivamente atirados para o grupo dos heréticos e inimigos da religião de Jesus.

A partir dos séculos III e IV d.C., com o corpo dogmático religioso de Roma cada vez mais dominante, os heréticos foram obrigados a afastarem-se do domínio social público e manterem o seu cristianismo em cavernas, desertos, lugares longínquos da Ásia, como na China e na Índia, ou no Afeganistão e Azerbaijão, na Turquia e nos lugares gelados onde o budismo, caracteristicamente pacífico e tolerante, oferecia acolhida e uma vida afastada do perigo das perseguições.

No século X ocorreu a histórica cisão entre a Igreja de Roma e a de Constantinopla. Essa segunda, mais tolerante, recebeu alguns grupos heréticos como o dos bogomilos, dos paulicianos e priscilianos, que pregavam o evangelho de forma muito independente e com influências fortes de uma das mais temidas Gnosis do século III d.C., o maniqueísmo, fundado pelo persa cristão elkessaíta Manes ou Mani.

No lado ocidental duas grandiosas formas de cristianismo maniqueu surgiram e ficaram conhecidas como *A Ordem dos Cavaleiros Templários* e os *Cátaros*. Tal foram as perseguições a esses dois grupos de heréticos que ainda hoje no sul da França podemos contemplar as suas marcas, em especial no lugar sagrado do Catarismo denominado Castelo de Montségur.

Ao longo desse tempo que vai do século II ao XIV d.C., as atitudes dos caçadores de heresias ficaram ainda mais características e cristalizadas. Para eles as heresias, principalmente as gnósticas e maniquéias, mesclavam desordenadamente, como que num

“pot-pourri”, doutrinas de cultos de Mistérios orientais, judaísmo, cristianismo, platonismo, magia e astrologia.

Essa marca ficou tão característica que podemos ler num moderno Manual de Heresias as seguintes palavras: “O gnosticismo combinava o misticismo oriental, a filosofia, a mitologia, a astrologia e o neoplatonismo gregos, a elementos judaicos, além do que, inseria, nessa mistura já confusa, elementos da fé cristã. Cristo era, para eles, apenas um dos ‘aeons’ (emanações angelicais de Deus).”

Embora essa caça aos hereges tenha mantido a sua violência até o século XVII d.C., o que motivou da parte dos que elaboraram os Manifestos Rosacruzes sérias reprimendas e severas exortações, até hoje pode ser observada guardando a sua primitiva e rústica, medieval, intolerância.

Assim, caro amigo Carlos, é mesmo lamentável que num século novo, repleto de esperanças e aspirações nobres, de atitudes verdadeiramente civilizadas, de esforços de amizade mundial e de civilismo, recrudesçam as idéias de que as guerras, as perseguições, o terrorismo branco ou negro, a inquisição moral, religiosa e filosófica são os meios de se resolver questões de disputas humanas.

Mas no que se refere à acusação de que os jessênios são um “pot-pourri” esotérico, três coisas temos a declarar: primeiro que essa é a marca de todo grupo genuinamente gnóstico e ela muito nos honra. É como se fosse uma aprovação ou reconhecimento oficial daquilo que realmente somos; segundo, que a nossa característica de pot-pourri é reconhecida novamente pelos poderes que são arquiespecialistas em reconhecer uma Gnosis verdadeira, distinguindo-a de outros movimentos que embora o digam ser, na realidade não o são; terceiro, lamentamos que esse espírito funesto da Idade Média, e de antes dela, reconhecidamente cruel e desumano até mesmo pelas instituições que o praticaram no passado, não obstante a tal reconhecimento, ainda exista dissimulado atrás de representantes que pretendem fazer um bem para as famílias e sociedades humanas no século XXI d.C.